

A VIGILÂNCIA E O ADESTRAMENTO NO “CONTO DE ESCOLA” DE MACHADO DE ASSIS

Maria Luiza Gomes Vasconcelos¹

RESUMO: O presente artigo pretende apreender como se expressa vigilância e o adestramento na escola, mais especificamente sua representação na literatura machadiana, por meio do *Conto de Escola*, publicado, originalmente, por Laemmert & C. Editores, Rio de Janeiro, em 1896. Busca-se compreender como se dá o disciplinamento na escola, vigilância e adestramento, e de que forma se pode encontrar traços dessas sanções no texto em análise. Para tal será realizado um estudo bibliográfico e análise de conteúdo acerca das teorias de Michel Foucault sobre disciplina, vigilância e adestramento, bem como um breve estudo sobre o autor, para que se possa situá-lo e compreender a relação com a educação. Serão utilizados ainda textos de alguns estudiosos de sua obra, tais como Veiga-Neto (2017), Roberto Machado (2019), Silvio Gallo (2015), entre outros não menos importantes. Far-se-á também um movimento de estudos com Machado de Assis, e, a fim de compreender a relação da literatura e sociedade, buscou-se Candido (2004), Schwarz (2000), Abel Baptista (2003), Vasconcelos (2015).

Palavras-chave: Vigilância. Adestramento. Educação. Literatura Brasileira.

ABSTRACT: The present article intends to apprehend how vigilance and training is expressed in school, more specifically its representation in Machado's literature, through the School Tale, originally published by Laemmert & C. Editores, Rio de Janeiro, in 1896. to understand how school discipline, surveillance and training takes place, and how traces of these sanctions can be found in the text under analysis. To this end, a bibliographic study and content analysis will be carried out on Michel Foucault's theories on discipline, surveillance and training, as well as a brief study on the author, so that he can situate himself and understand the relationship with education. Texts by some scholars of his work will also be used, such as Veiga-Neto (2017), Roberto Machado (2019), Silvio Gallo (2015), among others no less important. There will also be a movement of studies with Machado de Assis, and in order to understand the relationship between literature and society, Candido (2004), Schwarz (2000), Abel Baptista (2003), Vasconcelos (2015).

Key-words: Surveillance. Training. Education. Brazilian Literature.

INTRODUÇÃO

Estudar, resumir e analisar o pensamento do Filósofo Michel Foucault (1926 – 1984) não é uma tarefa fácil, seus textos são densos e complexos, e, nessa árdua tarefa, é preciso ter cautela, uma vez que a leitura de seus textos nos proporciona, entre outras coisas, a necessidade de exploração, investigação, para que se possa compreender suas inquietações. No documentário *Foucault por ele mesmo*, o autor nos diz que não vivemos em um espaço plano, vivemos, morremos e amamos, num espaço enquadrado, recortado, matizado com zonas claras e escuras, com diferentes níveis – duras, frágeis, penetráveis,

¹ Doutora em Educação (PUC GO/2015); Mestra em Letras e Linguística (UFG/2007). Docente vinculada ao PPGE da Faculdade de Inhumas – FACMAIS. maria@facmais.edu.br

porosas... “eu sonho com uma ciência que tenha como objeto esses espaços diferentes, esses outros lugares, essas contestações míticas e reais do espaço em que vivemos.” (<https://www.dailymotion.com/vídeo/x2cn2u2>). Foucault não se definia, não se sentia confortável em ser enquadrado em algum método. Pensar a obra de Foucault e sua aplicação em um campo amplo, multifacetado e intrincado como a educação, torna-se mais complexo ainda. O autor Alfredo Veiga-Neto adentrou nessa difícil tarefa, a qual surtiu o livro *Foucault e Educação*, que servirá de aporte ao artigo, além de outros autores e textos. Silvio Gallo (2015, p. 427) diz que:

Michel Foucault produziu uma filosofia às margens da tradição, recusando-se a trabalhar nos domínios clássicos do pensamento filosófico. Trabalhou as questões do saber e do conhecimento, mas não elaborou uma epistemologia; trabalhou as questões do poder e das relações entre os seres humanos, mas recusou-se a produzir uma filosofia política. Apenas seus últimos estudos, em torno da constituição de si mesmo, ele aceitou denominar como uma “ética”(...)

Propõe-se como escopo, neste estudo, perceber traços das teorias acerca da vigilância e adestramento, através do disciplinamento, percebido por Foucault, nas instituições de sequestro. Nesse caso será elencada a instituição escolar, por meio da literatura, mais especificamente, sua representação na literatura machadiana, por meio do *Conto de Escola*, publicado, originalmente, por Laemmert & C. Editores, Rio de Janeiro, em 1896. Vasconcelos (2015) afirma que, ao analisar textos de Machado de Assis, podemos apreender que eles são importantes para a ampliação de conhecimentos acerca da sociedade e da Educação do século XIX, expondo permanências e alterações, ou seja, práticas comuns ou não à escola do século XXI. A literatura machadiana é, desse modo, corretamente oportuna às inquietações atuais. Para Bosi (2007, p. 11): “O objeto principal de Machado de Assis é o comportamento humano. Esse horizonte é atingido mediante a percepção de palavras, pensamentos, obras e silêncios de homens e mulheres que viveram no Rio de Janeiro, durante o Segundo Império.” Bosi (2007) ainda salienta que os olhos do romancista refletem o objeto de sua transformação, podendo, a Literatura, dessa forma, refletir a sociedade e vice-versa.

Para Cândido (2004 *apud* VASCONCELOS 2015), a Literatura pode ser considerada instrumento poderoso de instrução e educação, retratando os valores preconizados pela sociedade ou os que são nocivos. De algum modo, fazem-se presentes, em diversas

manifestações da ficção, poesia e ação dramática. A Literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fortalecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. “Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita: a que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado da coisa predominante.” (CANDIDO, 2004, p. 138). Busca-se, assim, perceber, no texto “Conto de Escola”, de Machado de Assis, traços de vigilância e adestramento, por meio da disciplina aplicada em instituições escolares, uma vez que traz como problema as seguintes questões: Os textos literários retratam a sociedade de época? Textos literários tratam de questões sociais de forma atemporal? Para a realização do estudo em questão, fez-se uma seleção do referencial teórico relacionado ao tema proposto, bem como leitura e análise deles. O estudo utiliza de pesquisa bibliográfica, tendo como fontes principais Michel Foucault e Machado de Assis, bem como alguns estudiosos desses autores.

TRAJETÓRIA INTELECUTAL DE FOUCAULT E ALGUNS APONTAMENTOS

Michel Foucault (1926-1984) foi um filósofo francês contemporâneo que se dedicou à reflexão entre poder e conhecimento. Crítico, Foucault foi um ativista que se envolveu em campanhas contra o racismo e pela reforma do sistema penitenciário. Estudou vários problemas sociais. Considerado um dos importantes filósofos do século XX, sua produção foi bastante marcada nos anos 60, 70 e 80. A partir da filosofia, lidou com temas incomuns para a filosofia francesa desse período. Ele não interessa por recriar a história da filosofia, mas sim por pensar, com outras figuras, alguns problemas. O filósofo nasceu em 1926, em Poitiers, no sul da França, em uma família de médicos considerada abastada. Aos 20 anos, foi estudar psicologia e filosofia na *École Normale Supérieure*, em Paris, período de rápida passagem pelo Partido Comunista. Obteve o diploma em psicopatologia, em 1952, começa a lecionar na Universidade de Lille. Publica seu primeiro livro após dois anos, *Doença Mental e Personalidade*. Em 1961, defendeu, na Universidade Sorbonne, a tese que deu origem ao livro *A História da Loucura*. Entre 1963 e 1977, fez parte do conselho editorial da revista *Critique*. Em meados dos anos 1960, sua obra começou a repercutir fora dos círculos acadêmicos, e, nessa década, ele trabalha a questão do saber.

A obra de Foucault tornou-se referência em uma grande abrangência de campos do conhecimento, uma vez que propôs abordagens inovadoras para compreensão das

instituições e dos sistemas de pensamento. Em sua investigação histórica, Foucault abordou diretamente as escolas e as ideias pedagógicas na Idade Moderna.

Após vários anos como diplomata cultural no exterior, ele retornou à França, e, a partir de 1960, passou a lecionar na Universidade de Clermont-Ferrand. Em 1961, publicou sua grande obra: *História da Loucura na Era Clássica*. Em 1966, após deixar Clermont, Foucault lecionou na Universidade de Tunis, permanecendo até 1968, quando retornou à França e passou a chefiar o departamento de filosofia da nova universidade experimental de Paris. Lecionou entre 1968 e 1969 na Universidade de Vincennes, e, em seguida, assumiu a cadeira de História dos Sistemas de Pensamento no Collège de France, alternando intensas pesquisas com longos períodos no exterior. Na década de 70, Foucault se dedica a discutir a questão do poder, de compreender o poder na sociedade. Militou no Grupo de Informações sobre Prisões. Entre suas principais obras estão *História da Sexualidade* e *Vigiar e Punir*.

Michel Foucault veio cinco vezes ao Brasil, a primeira foi em 1965. No final dos anos 70, foi descoberto pela Universidade de Berkeley, na Califórnia, onde foi bem acolhido, e realizou palestras. Em 1970, Foucault passou a lecionar História do Pensamento no Colégio de França. Tornou-se um ativista de vários grupos envolvidos em campanhas contra o racismo, contra os abusos dos direitos humanos e em campanhas pela reforma penal. Na década de 80, começa a estudar o tema sujeito, a questão da subjetivação, dos processos de subjetivação na verdade da construção da subjetividade. Esse tema é encontrado por ele quando está escrevendo a *História da sexualidade*, faz um retorno à antiguidade Grega e Romana, às origens do Cristianismo, na tentativa de compreender a própria relação contemporânea com a sexualidade. Essa pesquisa no âmbito do poder, da sexualidade como uma relação de poder, acaba se orientando para o processo de construção do sujeito. Ele se propõe a compreender a relação do poder-saber. Foucault se apresenta fora dessa questão, pensando as relações humanas como questão de poder, uma vez que as relações de poder estão em todas as nossas relações. Foucault morreu de aids, em 1984. Com já exposto anteriormente, Foucault apresentou, em seus estudos de questionamento e crítica, em vez de discutir questões filosóficas tradicionais. Pretendeu mostrar que, categorias como razão, método científico, e ainda a noção de homem, não são eternas, e sim vinculadas a sistemas circunscritos historicamente. O peso das circunstâncias não significa, no entanto, que o pensador identificasse mecanismos que determinam o curso dos fatos e os acontecimentos, como o positivismo e o marxismo.

O autor investiga o conceito de homem no qual se sustentavam as ciências naturais e humanas desde o Iluminismo, observa um discurso em que convivem o papel de objeto, submetido à ação da natureza, e de sujeito, capaz de entender o mundo e modificá-lo, todavia, o autor negou a possibilidade dessa convivência. Segundo ele, há apenas sujeitos, que variam de uma época para outra, ou de um lugar para outro, dependendo de suas interações. Foucault não confiava que a dominação e o poder fossem oriundos de uma única fonte, como o Estado ou as classes dominantes, mas que são desempenhados em várias direções, cotidianamente, em escala múltipla, como se pode perceber em seu livro *Microfísica do Poder*. Ele percebia, na dinâmica dentre diversas instituições e ideias, um enredo complexo, no qual não é lícito falar do conhecimento como causa ou efeito de outros fenômenos. Segundo ele, não há relação de poder que não seja acompanhada da criação de saber e vice-versa. Veiga-Neto (2017) explicita que baseado no entendimento citado, pode-se agir de modo produtivo contra aquilo que não se quer ser e ainda experimentar novos modos de organizar o mundo em que vivemos. Em seu livro *A ordem do discurso*, Foucault relata, por meio de conferências, suas reflexões e pesquisas acerca das diversas abordagens possíveis do discurso, e de como ele se dissemina em diferentes sociedades. O autor demonstra, dentre outras coisas, como o discurso exerce uma função de controle, de limitação e validação das regras de poder em diferentes períodos históricos e grupos sociais. Gallo (2015, p. 431) afirma que “Foucault não produziu uma Filosofia da Educação. A educação não foi uma de suas preocupações centrais, ainda que ele tenha sido professor”. Esse tema, em seus escritos, é considerado menor, todavia, parece possível pensar a educação como saber, ligada aos jogos de poder, nas relações entre os indivíduos, trabalho de subjetivação na constituição de si mesmo,

Foucault analisa a escola como um espaço em que as políticas de disciplinamento dos corpos são efetivadas, e percebemos esse disciplinamento de forma naturalizada. Ademais, propõe a relação poder saber de forma naturalizada, e constrói uma visão do poder diferenciada da teoria clássica do poder, que pensa o poder dentro da teoria geral do estado. O autor se coloca fora dessa questão, pensando nas relações humanas como relações de poder. O mais fundamental nas relações humanas são as relações de poder, pois elas estão em todas as nossas relações. Os sujeitos são produzidos nas relações de poder, e é nas relações de poder que somos subjetivados. Veiga-Neto, em seu livro *Foucault e a Educação* (2017, p. 15), afirma que foi “com base em Foucault que se pôde compreender a escola como

uma eficiente dobradiça capaz de articular os poderes que aí circulam com os saberes que informam e aí se ensinam, sejam eles pedagógicos ou não.”

Para o filósofo, a escola é uma das "instituições de sequestro", tais como o hospital, o quartel e a prisão. Veiga-Neto nos relata que essas instituições são aquelas que retiram compulsoriamente os sujeitos do espaço familiar ou social mais amplo e os internam, por um período longo, com o intento de moldar seu comportamento, disciplinar seus comportamentos, e ainda formatar aquilo que pensam, entre outras coisas. Na Idade Moderna, as instituições de confinamento ou sequestro, como são chamadas por Foucault, não são mais lugares de suplício, com castigos corporais, e tornam-se locais de criação de "corpos dóceis". A docilização do corpo tem um benefício social e uma política sobre o suplício, porque este enfraquece ou destrói os recursos vitais. Já a docilização torna os corpos produtivos. A invenção-síntese desse processo, segundo Foucault, é o panóptico, idealizado pelo filósofo inglês Jeremy Bentham (1748-1832): uma construção de vários compartimentos em forma circular, com uma torre de vigilância no centro. O poder disciplinar se constitui nessas instituições. A estrutura arquitetônica do panóptico era em forma de anel, no pátio central, havia uma torre. A construção circular, em forma de anel, dividia-se em pequenas celas que davam tanto para seu interior quanto para seu exterior. Em cada uma das pequenas celas, havia um sujeito a ser corrigido, e, na torre, havia um vigilante. Em sua Conferência V do livro *As verdades e as Formas Jurídicas*, Foucault (2003, p. 103) nos fala que:

O panoptismo é um dos traços característicos da nossa sociedade. É uma forma de poder que se exerce sobre os indivíduos em forma de vigilância individual e contínua, em forma de controle de punição e recompensa e em forma de correção, isto é, de formação e transformação dos indivíduos em função de certas normas. Este tríptico aspecto do panoptismo – vigilância, controle e correção – parece ser uma dimensão fundamental e característica das relações de poder que existem em nossa sociedade.

A instituição escolar é a que mais universaliza o poder disciplinar, esse poder é exercido no corpo de cada indivíduo. Foucault estuda como o poder disciplinar se constitui e age sobre cada indivíduo, em sua obra *Vigiar e Punir*. O poder, para Foucault, não é uma coisa, mas uma relação que, em si, não é necessariamente repressiva e nem simplesmente posse do Estado. Pelo contrário, o poder é exercido em todo o corpo social e opera nos níveis micro das relações sociais de modo onipresente. Foucault entende que a instituição escolar

serve para educar o sujeito não apenas em relação ao conhecimento, mas também compreende a instituição escolar como uma instituição disciplinar, que dá acesso às tecnologias que agem sobre nossos corpos, disciplinando-os. Gallo (2015, p. 432), ao se referir ao pensamento de Foucault, no livro *Vigiar e Punir*, em relação à escola, nos diz que:

(...) se compreendermos (a escola) como uma instituição moderna, a compreendemos como uma instituição dedicada a produzir uma conformação dos corpos e dos sujeitos, a produzir também, uma “subjetivação capitalista”, que permite a inserção de cada um dos indivíduos no universo da produção. A função da escola é produzir corpos dóceis, prontos a obedecer e a produzir.

A escola pode ser considerada um espaço de vigilância e de punição para o adestramento dos corpos. Gallo (2015) nos assevera ainda que o papel central na escola é desempenhado pelo exame. O poder, em Foucault, é uma forma de repressão, de conformação dos corpos, porém, ele é também uma produção, uma vez que possui efeito produtivo.

DISCIPLINA E ADESTRAMENTO PERCEBIDOS NO “CONTO DE ESCOLA” DE MACHADO DE ASSIS

Não se pretende, neste artigo, traçar um estudo de Machado de Assis, todavia, acredita-se ser pertinente elencar algumas características de sua vida e obra, embora, de forma breve, *en passant*, para que se possa compreender o autor e sua obra, antes de iniciarmos a análise do texto proposto. Machado de Assis foi um autor consagrado do século XIX, crítico, dramaturgo, poeta e romancista, que apresenta, por meio de seus escritos, o espaço que o rodeia, a sociedade com suas mazelas. O autor vai além do espaço físico, atinge ainda o psicológico por meio de personagens intrincados, observa o mundo através de seus escritos. Conforme Vasconcelos (2015, p. 12):

Machado de Assis produziu uma obra variada e profícua e escreveu poemas, contos, crônicas, romances, peças teatrais e críticas literárias. Respeitado pela crítica como um grande escritor, suas obras foram objeto de estudo de inúmeros trabalhos acadêmicos, revelando os costumes, a organização e cultura do Rio de Janeiro do século XIX.

Machado de Assis viveu em um período em que sua geração primava pelo debate Republicano, pelo engajamento moral e político, além de pela luta em prol da abolição. Esse

engajamento se fez presente em inúmeros escritos machadianos, que retratavam a sociedade de sua época, juntamente com costumes, vivências, mazelas, enfim, expressavam não somente os anseios do período, como também os valores culturais. Para Schwarz (2000, p. 11) “Machado impunha uma expressão da sociedade real, sociedade horrendamente dividida, em situação muito particular, em parte inconfessável, nos antípodas da pátria romântica”, assevera ainda que, a observação do autor às relações sociais produz uma transposição de estilo que interiorizava o país e o tempo. Para o crítico literário Abel Baptista a contística machadiana não se enquadram em categorias consideradas rápidas, uma vez que não são realistas nem formalistas; e nem ao menos pode se nomear de ficção metaliterária. “Cada conto é um caso teórico, decerto; cada conto insere uma teoria implícita do conto.” (BAPTISTA, 2003, p. 231) Vasconcelos (2015, p. 13) assevera que:

Os romances e contos machadianos, objeto de estudo de muitos trabalhos acadêmicos, revelam os costumes, a organização e a cultura do Rio de Janeiro no século XIX, assim como estudam tipos humanos e suas relações interpessoais. Por meio de suas crônicas, expressa sua opinião a respeito de diversos temas do dia a dia, que afetavam não só o Rio de Janeiro, mas todo o País. Ele comentava acerca de variados temas como economia, política, cultura, artes, espetáculos, entre outros, e, em alguns deles, teceu comentários sobre a Educação.

Pensando em todas essas possibilidades de expressão por meio da literatura, pensou-se analisar, neste artigo, o texto “Conto de Escola”, que faz parte da obra *Vários Escritos*, publicados, originalmente, no ano 1896, e perceber como se revela a escola na questão da disciplina e adestramento, estudados posteriormente por Michel Foucault, mais especificamente, nas obras *Vigiar e Punir* (2014) e *Microfísica do Poder* (2019). O conto relata uma breve passagem na vida do personagem Pilar, ao ir para a escola, o fato se passa numa escola do Rio de Janeiro, em 1840, período marcado pelo fim do Império, a Abolição dos Escravos e a Proclamação da República. Pilar, narrador e personagem central, relembra um fato de sua infância: em uma segunda-feira, do mês de maio, na Rua da Princesa, decidia se iria brincar ou iria para a escola, ficava indeciso entre o morro ou o campo, por fim, lembrando do último castigo que ganhara do pai, decidiu ir para a escola. Pilar se considera aluno inteligente, por ser sempre o primeiro a terminar as atividades. Seu pai sonhava em vê-lo lendo, escrevendo, fazendo contas e sendo comerciante. Raimundo, um dos colegas de classe de Pilar, filho do mestre, era tratado sempre como exemplo, o mestre era mais rígido em seus castigos, e, por esse motivo,

Raimundo tinha bastante receio do pai. Descrito como um menino mofino, com dificuldades de aprendizagem:

Chamava-se Raimundo este pequeno, e era mole, aplicado, inteligência tarda. Raimundo gastava duas horas em reter aquilo que a outros levava apenas trinta ou cinquenta minutos; vencida com o tempo o que não podia fazer logo com o cérebro. Reunia a isso um grande medo ao pai. Era uma criança fina, pálida, cara doente; raramente estava alegre. Entrava na escola depois do pai e retirava-se antes. O mestre era mais severo com ele do que conosco. (ASSIS, 2007, p. 327)

Raimundo propõe a Pilar, em troca de uma “pratinha”, que lhe ensine a lição, pois não estava conseguindo compreender. Pilar pensa ser brincadeira, mas quando percebeu que Raimundo falava sério, decidiu aceitar. Com cautela fizeram a troca, afinal, o mestre estava ali diante, e se os pegasse seriam castigados com a palmatória. Para a surpresa de ambos, Curvelo, um colega mais velho e ardiloso, estava observando tudo. A moeda estava no bolso de Pilar, que sonhava com a beleza da “pratinha”, até que foi interrompido pelo mestre, que o chamou junto com Raimundo. Ao lado deles, estava o delator: Curvelo. O fato de Pilar estar ensinando a lição para Raimundo em troca de uma “pratinha” foi considerado como suborno pelo mestre, que a solicitou, e jogou-a pela janela. Então o mestre castigou os meninos com doze “bolos”, diante de toda a turma, causando constrangimento e humilhação aos meninos. No dia seguinte, Pilar tinha sonhado que encontrara a moeda na rua e a pegava de volta, arrumou-se depressa para chegar à escola, na esperança de recuperá-la, porém, no meio do caminho, deparou-se com o batalhão de fuzileiros que tocavam tambores, assim, preferiu segui-los a ir à escola. Terminou a manhã na Praia da Gamboa e voltou para casa sem a moeda nem peso na consciência. O ano era 1840. E o garoto se encontra em meio à hesitação, se devia ou não ir para a escola, ou ficar brincando na rua, porém, se recorda de uma ‘surra’ que havia levado do pai:

Na semana anterior tinha feito dois suetos, e, descoberto o caso, recebi o pagamento das mãos de meu pai, que me deu uma sova de vara de marmeleiro. As sovas de meu pai doíam por muito tempo. Era um velho empregado do Arsenal de Guerra, ríspido e intolerante. Sonhava para mim uma grande posição comercial, e tinha ânsia de me ver com os elementos mercantis, ler, escrever e contar, para me meter de caixeiro. Citava-me nomes de capitalistas que tinham começado ao balcão. Ora, foi a lembrança do último castigo que me levou naquela manhã para o colégio. Não era um menino de virtudes. (ASSIS, 2007, p. 326).

Embora o personagem seja infantil, já se percebe que apresenta um corpo dócil nessa passagem, corpo este docilizado, provavelmente, por castigos recebidos. Pilar já é um menino que revela adestramento, por meio da disciplina punitiva, castigos comuns na sociedade desse período. Foucault nos mostra, em seus estudos, que a disciplina surgiu como técnica, estratégia para criar corpos dóceis, treiná-los, mostrar a eles um caminho. A disciplina permite passar, quase sem se perceber, da vigilância à punição. A adequada disciplina é uma arte do bom adestramento.

Walhausen, bem no início do século 17, falava da “correta disciplina”, como uma arte do “bom adestramento”. O poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar”; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. Ele não amarra as forças para reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo. Em vez de dobrar uniformemente e por massa tudo o que lhe está submetido, separa, analisa, diferencia, leva seus processos de decomposição até às singularidades necessárias e suficientes. “Adestra” as multidões confusas, móveis, inúteis de corpos e forças para uma multiplicidade de elementos individuais — pequenas células separadas, autonomias orgânicas, identidades e continuidades genéticas, segmentos combinatórios. (FOUCAULT, 2014, p. 167)

Pilar se revela um menino com conhecimento, talvez, consciência dos castigos disciplinares que lhe eram aplicados, e seu corpo já inicia o processo de docilização, tanto no espaço familiar quanto no espaço escolar. Foucault (2014, p. 167) assevera que o “O sucesso do poder disciplinar se deve sem dúvida ao uso de instrumento simples: o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e sua combinação num procedimento que lhe é específico, o exame”. Esses dispositivos são aplicados na instituição escolar, o mestre escola (professor) possui esse poder disciplinar institucionalizado não somente pela escola, como também pela sociedade: “Subi a escada com cautela, para não ser ouvido do mestre, e cheguei a tempo; ele entrou na sala três ou quatro minutos depois. (...). Os meninos, que se conservaram de pé durante a entrada dele, tornaram a sentar-se” (ASSIS, 2007, p. 326-327).

A vigilância hierárquica e a sanção normalizadora são dois grandes mecanismos para o adestramento de corpos e a constituição de individualidades. Para Foucault (2014), quando combinadas, dão luz ao exame, mecanismo largamente espalhado na contemporaneidade. Uma das funções principais do poder disciplinar, segundo Foucault, é adestrar. O indivíduo é um tipo social fabricado positivamente pela disciplina, e, ao mesmo tempo, é um elemento constituinte de uma representação ideológica da sociedade, uma

realidade fabricada pela tecnologia da disciplina, e um elemento central na constituição da sociedade de indivíduos. Foucault diz que:

A vigilância hierarquizada, contínua e funcional não é, sem dúvida, uma das grandes “invenções” técnicas do século XVIII, mas sua insidiosa extensão deve sua importância às novas mecânicas de poder, que traz consigo. O poder disciplinar, graças a ela, torna-se um sistema “integrado”, ligado do interior à economia e aos fins do dispositivo onde é exercido. (FOUCAULT, 2014, p. 173)

Pilar, assim como as demais crianças, prefere a liberdade das brincadeiras de rua à escola, uma vez que, na escola, eles precisam manter uma postura e um comportamento exigido pelas normas: “E eu na escola, sentado, pernas unidas, com o livro de leitura e a gramática nos joelhos.” (ASSIS, 2007, p. 327). Essa rigidez, vigilância e adestramento fazem parte do ensino. Foucault (2014, p. 173) relata que: “(...). Uma relação de fiscalização definida e regulada, está inserida na essência da prática do ensino: não como uma peça trazida ou adjacente, mas como um mecanismo que lhe é inerente e multiplica sua eficiência.” Ainda, em Foucault, vemos que:

Houve, durante a Época Clássica, uma descoberta do corpo como objeto e alvo do poder. Encontraríamos facilmente sinais dessa grande atenção dedicada então ao corpo – ao corpo que se manipula, modela-se, treina-se, que obedece, responde, torna-se hábil ou cujas forças se multiplicam. [...] Esses métodos que permitem o controle minuciosos das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõe uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as “disciplinas”. (FOUCAULT, 2014, p. 134-135)

O disciplinamento do corpo está presente no modo de sentar, andar, gesticular, enfim, o corpo humano é transformado em máquina. O disciplinamento do corpo ocorre através do treinamento dos gestos, para que se chegue à perfeição. Em várias partes da narrativa, encontramos trechos que denotam o comportamento formal engessado, presente no ambiente escolar, exigido pelas regras da instituição escolar: “Na verdade, o mestre fitava-nos. Como era mais severo para o filho, buscava-o muitas vezes com os olhos, para trazê-lo mais aperreado. Mas nós também éramos finos; metemos o nariz no livro, e continuamos a ler”. (ASSIS, 2007, 328) Foucault (2014) relata como a disciplina nasceu como técnica, e pode passar despercebida da vigilância à punição, criando, assim, corpos dóceis. A disciplina pode ser considerada uma estratégia para criar corpos dóceis, treiná-

los e mostrar-lhes um caminho. Podemos ver, nesse trecho abaixo, que narra a punição aplicada aos alunos que desrespeitam as regras da escola: “O pior que ele podia ter, para nós, era a palmatória. E essa lá estava pendurada do portal da janela, à direita, com os seus cinco olhos do diabo. Era só levantar a mão, despendurá-la e brandi-la, com a força do costume, que não era pouca.” (ASSIS, 2007, p.328). Compreende-se que o ponto da lição era difícil, e que o Raimundo, não o tendo aprendido, recorria a um meio que lhe pareceu útil para escapar ao castigo do pai. Mesmo sabendo que poderiam ser castigados, Pilar e Raimundo transgridem as regras escolares: “Em verdade, se o mestre não visse nada, que mal havia?” (ASSIS, 2007, p. 330). Para Raimundo a situação não era promissora, caso não compreendesse a lição, também seria castigado, de modo que preferiu arriscar solicitando auxílio ao colega.

Foucault nos fala, em vários momentos, que o poder começa no olhar, na maneira como se observa o outro. Conseguimos perceber, no texto machadiano, vários momentos permeados pela vigilância do olhar, pelo medo do olhar e pelo olhar perscrutador, a “vigilância hierárquica”. O modelo é o do acampamento militar: em que todo soldado pode ser visto e fiscalizado a todo momento. Por que observar continuamente? Certamente com a finalidade de obter conhecimento de como adestrar mais e melhor. “Vigiar se torna então uma função definida, mas deve fazer parte integrante do processo de produção; deve duplica-lo em todo seu cumprimento. (FOUCAULT, 2014, p. 171).

Ao mesmo tempo que se olha, exerce-se também a vigilância e a punição. O sujeito se forma em torno dessas penalidades presentes nas instituições disciplinares. Castigo pode ser leve ou não, todavia, deve gerar efeitos. Efeitos esses mais na esfera moral que física. Foucault (2003, p. 107) assevera que: “O imperador é o olho universal voltado para a sociedade em toda sua extensão. Olho auxiliado por uma série de olhares, dispostos em forma de pirâmide a partir do olho imperial e que vigiam toda a sociedade.” A presença do olhar controlador, que vigia e pune, faz-se presente em algumas partes do texto, selecionadas abaixo:

Relancei os olhos pela sala, e dei com os do Curvelo em nós; (ASSIS, 2007, p.).
Ele deitou os olhos ao pai, e depois a alguns outros meninos. Um destes, o Curvelo, olhava para ele, desconfiado, (...). (ASSIS, 2007, p. 328).
De repente, olhei para o Curvelo e estremei; tinha os olhos em nós, com um riso que me pareceu mau. Disfarcei; mas daí a pouco, voltando-me outra

vez para ele, achei-o do mesmo modo, com o mesmo ar, crescendo que entrava a remexer-seno banco, impaciente. Sorri para ele e ele não sorriu; ao contrário, franziu a testa, o que lhe deu um aspecto ameaçador. O coração bateu-me muito.

(...). Eu, conquanto não tirasse os olhos do mestre, sentia no ar a curiosidade e o pavor de todos.

-Papai está olhando.

Na verdade, o mestre fitava nos. Como era mais severo para o filho, buscava-o muitas vezes com os olhos, para trazê-lo mais aperreado. (...). (ASSIS, 2007, p. 328).

Após a descoberta, por meio da delação de Curvelo da desobediência de Raimundo e Pilar, o mestre Policarpo exerce seu poder sobre os alunos envolvidos no evento. O castigo apresenta uma única função: acomodar as condutas. A punição tem a função de corrigir, retificar, consertar, emendar, ensinar ao sujeito o bom caminho. Castigar pode ser também um modo de adestrar, treinar, nas atividades que podem ser refeitas, a repetição dos deveres de sala e casa, refazer movimentos, trabalhos, tarefas. Ensinar o corpo a se acostumar, apreender o gesto, o movimento, a hexis corporal, a maneira de sentar, articular, falar, escrever, entre outros.

Oh! *seu* Pilar! bradou o mestre com voz de trovão.

Estremeci como se acordasse de um sonho, e levantei-me às pressas. Dei com o mestre, olhando para mim, cara fechada, jornais dispersos, e ao pé da mesa, em pé, o Curvelo. Pareceu-me adivinhar tudo.

Venha cá! bradou o mestre.

(...) E então disse-nos uma porção de coisas duras, que tanto o filho como eu acabávamos de praticar uma ação feia, indigna, baixa, uma vilania, e para emenda e exemplo íamos ser castigados. Aqui pegou da palmatória. (ASSIS, 2007, p. 331).

Verifica-se, a todo momento, no texto, a presença da vigilância pelos e para os indivíduos, na tentativa de suprimir os seus desvios, recolocando-os em uma rota de normalidade. Busca-se o modelo ideal de aluno, soldado, trabalhador, eles são idealizados, almejados, e ainda se verifica uma tentativa constante na qual o indivíduo luta para se enquadrar em um arquétipo considerado ideal. O adestramento dos alunos, nas instituições escolares, ocorre da mesma forma que nas demais instituições de sequestro:

O treinamento dos escolares deve ser feito da mesma maneira: poucas palavras, nenhuma explicação, no máximo um silêncio total que só seria interrompido por sinais – sinos, palmas, gestos, simples olhar do mestre ou ainda aquele pequeno aparelho de madeira que os Irmãos das Escolas Cristas usavam; era chamado por excelência o “Sinal” e devia significar em sua

brevidade maquinal ao mesmo tempo a técnica do comando e a moral da obediência. (FOUCAULT, 2014, p. 163)

Foucault assevera que a vigilância permite a produção de conhecimento sobre aqueles que são vigiados, sendo este um aspecto fundamental para o exercício do poder. Poder e saber estão ligados de forma a assegurar um controle ainda mais decisivo, inesgotável e profundo. Vigiando torna possível a produção do saber, do mesmo modo que viabiliza conhecer o objeto que está sob vigilância, uma vez que o saber produzido reforça as probabilidades de exercer poder sobre tal objeto. Nos trechos abaixo, percebemos a presença do medo da sanção, do castigo iminente, e, conseqüentemente, o arrependimento dos atos praticados, porém, o mestre Policarpo segue irredutível no seu intento de correção. Espera-se que o adestramento se dê por meio da correção:

Perdão, *seu* mestre... solucei eu.
Não há perdão! Dê cá a mão! dê cá! vamos! sem-vergonha! dê cá a mão!
Mas, *seu* mestre...
Olhe que é pior!
Na sala arquejava o terror; posso dizer que naquele dia ninguém faria igual negócio. Creio que o próprio Curvelo enfiara de medo. ASSIS, 2007, p. 331).

Os resultados das sanções normalizadoras acontecem em etapas, pode-se considerar que, primeiramente, busca-se comparar os indivíduos, avaliá-los, olhar as anotações, suas notas, suas fichas, seus prontuários, suas observações ao longo do tempo; após, torna-se possível caracterizá-los de conforme suas aptidões, adequar e hierarquizar a eficácia de cada um. Percebendo, assim, esses parâmetros, pode-se, dessa forma, coagir os que não se enquadram, discipliná-los. A aplicação do castigo de Pilar e Raimundo ocorreu frente aos demais colegas de sala de aula, no intento de disciplinar a todos com o exemplo. Vale ressaltar que o ato disciplinar acontece não apenas pelo suplício físico, mas também moral, por meio de sermões e xingamentos. Pilar narra os detalhes:

Estendi-lhe a mão direita, depois a esquerda, e fui recebendo os bolos uns por cima dos outros, até completar doze, que me deixaram as palmas vermelhas e inchadas. Chegou a vez do filho, e foi a mesma coisa; não lhe poupou nada, dois, quatro, oito, doze bolos. Acabou, pregou-nos outro sermão. Chamou-nos sem-vergonhas, desafortados, e jurou que se repetíssemos o negócio, apanharíamos tal castigo que nos havia de lembrar para todo o sempre. E exclamava: Porcalhões! tratantes! faltos de brio! ASSIS, 2007, p. 332).

A pressão exercida, de forma constante, sobre os alunos, tem como intuito forçá-los a darem atenção aos estudos e tarefas, bem como respeitarem as normas propostas pelo sistema educacional. Essa medida faz parte de um sistema punitivo com função normalizadora. O normal se estabelece como princípio de coerção, e, com ele, o poder de regulamentação. De acordo com Foucault (2014, p. 153), “(...) o corpo, do qual se requer que seja dócil até em suas mínimas operações, opõe e mostra as condições de funcionamento próprio a um organismo. O poder disciplinar tem por correlato uma individualidade não só analítica e ‘celular’, mas também natural e ‘orgânica’.” Esse poder disciplinar não procura reter as forças, mas sim interligá-las, multiplicá-las e utilizá-las, sua consolidação utiliza-se dessa vigilância hierárquica e de outros meios coercitivos de punição.

O temor dos alunos quanto às sanções que irão receber em casos de infração das regras/normas escolares demonstra a eficácia das penalidades e o funcionamento da engrenagem do sistema punitivo. Essas punições são demonstradas por meio de castigos físicos e coação moral. Na sociedade atual, ainda temos a existência dessas sanções, por meio de suspensões, expulsões, reunião com os pais, redução nas notas, mudança de classe, e, dependendo da gravidade, ocorrência policial. Sabe-se que a sociedade, demonstrada no “Conto de Escola” está inserida no século XIX, e, nesse período, percebemos ainda a presença de sanções disciplinares físicas que perduraram no século XX.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As contribuições de Foucault são fundamentais para a compreensão de diversas questões existentes e presentes na escola, no decorrer da história, pois é a partir dessas contribuições que percebemos a efetivação da realidade de modo claro, e ainda as relações de poder cotidianas. As qualificações do caráter educativo das escolas, constatadas através da vivência com alunos, e das reuniões pedagógicas frequentes, demonstram como os alunos se habituaram com o sistema disciplinar e legitimam a eficácia desse poder. Na contemporaneidade as reuniões entre diretoria, pais e professores são transformadas, na maioria das vezes, em seções de queixas disciplinares, em constatações e repressão dos alunos “desviados” no ambiente escolar. As escolas, bem como suas técnicas disciplinares, fazem com que os indivíduos acolham a punição como fato natural, eles se deixam punir.

A escola passa a se compor em um observatório político, um aparelho que admite o conhecimento, o controle perene de seus componentes, através dos diretores, dos professores, dos funcionários e dos próprios alunos. Essa relação hierárquica induz todos a se sentirem sempre vigiados e controlados. Nessa perspectiva, pode-se perceber que o poder disciplinar conquista um lugar privilegiado nos discursos e nas ações, sendo o principal personagem das relações que compõem o universo escolar através da vigilância e do adestramento. Percebemos, no decorrer da análise, que o texto “Conto de Escola” apresenta vários movimentos que expõem questões voltadas para a docilização do corpo, o adestramento e vigilância, por meio de disciplinamento e regras impostas aos alunos pela instituição escolar. Todavia, ao refletirmos sobre o comportamento do menino Pilar, percebemos que ainda não foi docilizado, de fato, uma vez que apresenta tendências a infringir as regras da escola, mesmo tendo sido punido física e moralmente. Sendo assim pode-se concluir que a docilização do corpo é um processo a depender de tempo até que seja concluído. O intento de analisar se estão presentes, e de que forma são representados a vigilância e o adestramento na literatura, mais propriamente, no “Conto de Escola”, de Machado de Assis, foi para refletir as instituições escolares, e ainda se torna perceptível a continuidade, nos dias atuais, desses dispositivos disciplinares na escola. A naturalização desse ato disciplinar punitivo é percebida na aceitação dos personagens e ainda na delação realizada por Curvelo, que vê, mesmo que de forma vingativa, a necessidade de punição aos colegas infratores.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Abel Barros. A formação do nome. Campinas, SP: UniCamp, 2003.

ASSIS, Machado de. 50 contos/Machado de Assis; seleção e introdução de John Gledson. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BOSI, Alfredo. Machado de Assis: o enigma do olhar. 4^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. A dialética da colonização. São Paulo: Companhia das Letras, 1992

CANDIDO, Antonio. Formação da Literatura Brasileira. 6^a ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000. v. 1 e 2.

CARVALHO, Alexandre Filordi de; **GALLO**, Silvio. (Orgs). Repensar a educação: 40 anos após Vigiar e Punir. São Paulo: Livraria da Física, 2015.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: nascimento da prisão. Trad. Raquel Ramalhere. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

_____. Microfísica do Poder. Org., introdução e revisão técnica Roberto Machado. 9. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

_____. A verdade e as formas jurídicas. Trad. Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Moraes. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2003.

VASCONCELOS, Maria Luiza Gomes. Machado de Assis e a Educação. Tese de Doutorado. Goiânia, 2015. 205 f.

VEIGA –NETO, Alfredo. Foucault e a Educação. 3. ed. 3. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

GLEDSON, John. A História do Brasil em Papéis Avulsos de Machado de Assis. In: A História contada: capítulos de história social da Literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

SCHWARZ, Roberto. Ao vencedor, as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. São Paulo: Duas Cidades, 2000.